

A LUTA CRISTÃ PELA FIDELIDADE CONJUGAL: UM MATRIMÔNIO DIGNO EM UMA SOCIEDADE ADÚLTERA

*Valdeci da Silva Santos**

RESUMO

A prática do adultério na sociedade contemporânea é mais comum do que muitos gostariam de admitir. A tolerância social para com o adultério é claramente propagada pela mídia e “encarnada” como atividade normal no cotidiano das pessoas. Dessa forma, o relacionamento monogâmico não é mais interpretado com uma virtude, mas como um comportamento ultrapassado. Além do mais, a “sensualidade legal” da cultura brasileira influencia não apenas os incrédulos, mas infelizmente os membros da igreja cristã. Ainda que os cristãos tenham ciência das conseqüências devastadoras do adultério, pouco se faz com o objetivo de evitá-lo e muitos “flertam com o inimigo ao lado”. Neste artigo, o autor aborda três tópicos relacionados ao adultério: seus mitos sociais, a necessária atenção dos cônjuges cristãos para com as carências básicas da esposa e do marido e, por fim, a apresentação de alguns princípios bíblicos para se evitar o pecado da infidelidade conjugal. A pressuposição básica deste ensaio é que Deus, aquele que estabeleceu o padrão monogâmico para o relacionamento conjugal, revelou em sua Palavra um número suficiente de princípios e diretrizes que permitem aos cristãos manterem a fidelidade no matrimônio mesmo em uma sociedade adúltera.

PALAVRAS-CHAVE

Adultério; Imoralidade; Tentação; Relacionamento conjugal; Fidelidade; Santidade matrimonial.

* O autor é ministro presbiteriano, pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo e professor de teologia pastoral e sistemática no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, o relacionamento monogâmico não é mais interpretado como uma virtude, mas como um comportamento compulsório ultrapassado. Grande parte dos casamentos tidos por monogâmicos são marcados por “casos” extraconjugais, normalmente clandestinos. Se por um lado em alguns países de orientação mulçumana o adultério é considerado crime sujeito a pena de morte por apedrejamento,¹ no Brasil o mesmo foi excluído, mediante decreto-lei, da categoria de crime contra o casamento, podendo ainda ser considerado um motivo para o divórcio.² Nesse contexto, muitos adultos são motivados a buscar novas formas não-monogâmicas de relacionamento. Na internet, o Grupo Poliamor defende a relevância de envolvimento românticos e/ou sexuais com mais de uma pessoa. Aliás, o adultério virtual é uma das práticas mais comuns na sociedade informatizada. Segundo a jornalista Daniela Pinheiro,

a internet criou uma nova maneira de ser infiel: começa com mensagens, evolui para confidências, logo entra no reino das fantasias sexuais. Quando menos se espera, o marido ou a mulher já estão teclando sem parar com um desconhecido. Mesmo que nunca se transfira para a vida real, a traição machuca do mesmo jeito.³

Por mais alarmantes que sejam essas informações, o fato é que o adultério é mais comum do que muitos gostariam de admitir.

A tolerância social para com o adultério pode ainda ser observada através da popularidade das manchetes sobre casos de infidelidade conjugal, tanto em programas sensacionalistas como nas revistas semanais, e até nos filmes de sucesso. Dentre as produções cinematográficas, há que se destacar “O Paciente Inglês”, “O Príncipe das Marés” e “As Pontes de Madison County”. A infidelidade conjugal se tornou tão comum que, embora ainda haja certo sentimento público de rejeição da infidelidade deliberada, ela não é mais percebida como um desvio social.

Infelizmente a aceitação generalizada do adultério não é uma característica apenas da sociedade não-cristã, mas atinge também a igreja. Embora os cristãos interpretem o casamento como uma dádiva divina para a realização sexual e para a preservação contra a impureza sexual (ver 1Co 7.1-5), eles também entendem que essa união não é um remédio definitivo e infalível contra a

¹ MINCHAKPU, Obed. Where adultery means death: political and religious leaders clash in Nigeria over the increased use of Islamic law. *Christianity Today*. May 21, 2002, Vol. 46, No. 6, p. 3.

² No dia 28 de março de 2005 foi revogado o art. 240 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. O Novo Código Civil manteve o adultério como causa a ensejar a separação judicial, contudo, sem qualquer punição para o cônjuge.

³ PINHEIRO, Daniela. Trair e teclar é só começar. *Veja*, 25 de janeiro de 2006, p. 76-83.

infidelidade conjugal. Há vários relatos de adultérios e escândalos sexuais na Bíblia e a história do cristianismo não esconde o fracasso de grandes santos do passado. Ray Stephens corretamente observa que

hoje em dia vivemos em meio a um terremoto moral que abala as nossas igrejas. O crente mais experiente, bem como aquele que aparenta mais maturidade, não está isento de sentir esses efeitos.⁴

Em 1988, a revista americana *Leadership* realizou uma pesquisa com cerca de mil líderes cristãos e constatou que 23% haviam se envolvido em condutas impróprias com terceiros. Na mesma ocasião, uma pesquisa foi feita com assinantes da revista *Christianity Today* e o resultado alarmante foi que 45% haviam se envolvido em relacionamentos sexualmente impróprios.⁵ No Brasil, os dados não são muito diferentes, pois também entre os evangélicos brasileiros a sexualidade foi transformada em licenciosidade, essa visão distorcida sendo progressivamente imposta como “natural” em muitas igrejas e “comunidades”.⁶

Parece correto afirmar que a “sensualidade legal” da cultura brasileira, com as suas indulgências aceitáveis, vem comprovando a teoria de que não existe pecado do “lado de baixo do equador”, anestesiando e até cauterizando a mente de alguns cristãos.⁷ Stephens observa que “houve um tempo em que as notícias sobre adultério nas igrejas eram raras, agora elas são freqüentes”. Além do mais, “parece que não conseguimos atravessar um mês sem que cheguem aos nossos ouvidos novas notícias de pastores que tiveram os seus ministérios tragicamente interrompidos por falhas morais em seu comportamento”.⁸ Neste contexto, a discussão sobre a insistência de Tomás de Aquino quanto à virtude da castidade como resultado do fruto do Espírito nem ao menos recebe a devida atenção.⁹

A infidelidade conjugal destrói casamentos e famílias, trazendo grandes prejuízos sociais, econômicos, emocionais e espirituais. Segundo o sábio bíblico, “só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa” (Pv 6.32). Contudo, ainda que alguns tenham ciência das conseqüências devastadoras desse ato, pouco se faz com o objetivo de evitá-lo e não são poucos os que “flertam com o inimigo ao lado”. Dessa forma, o presente ensaio objetiva abordar três aspectos relacionados a esse tema: os mitos sociais que envolvem o adultério,

⁴ STEPHENS, Ray. Adultério na igreja: uma abordagem preventiva. Trad. Solano Portela. www.monergismo.com <acesso 22.02.2006>.

⁵ Cf. How common is pastoral indiscretion? *Leadership*, vol. IX, no. 1 (Winter 1988), p. 12-13.

⁶ Transformações de ontem e de hoje roubaram a beleza e a autoridade da igreja. Sexualidade transformada em licenciosidade. *Ultimato*, julho-setembro 2005, p. 30.

⁷ KEMP, Jaime. *Pastores em perigo*. São Paulo: Editora Sepal, 1995, p. 35.

⁸ STEPHENS, Adultério na igreja.

⁹ Cf. PORTER, Jean. Chastity as a virtue. *Scottish Journal of Theology* 58:285-301.

a necessária atenção dos cônjuges cristãos para com as carências básicas da mulher e do homem e, por fim, a apresentação de alguns princípios bíblicos para se evitar o pecado da infidelidade conjugal.

1. DESMISTIFICANDO O ADULTÉRIO

A sociedade contemporânea parece preservar vários mitos sobre o adultério, os quais podem contribuir para a perpetuação do problema e desestimular a fidelidade conjugal. No momento, apenas seis desses mitos principais serão analisados.

Em primeiro lugar, há o erro de que a infidelidade conjugal seja meramente uma questão física. O adultério é normalmente definido como uma violação da regra de fidelidade conjugal, cujo princípio consiste em não se manter relações carnis com outrem fora do casamento. O substantivo adúltero(a) se aplica à pessoa que comete adultério, mantendo relações carnis com alguém fora do casamento. Dessa forma, “falar que não teve relação sexual é sempre uma boa defesa” quando a pessoa é acusada de adultério.¹⁰ Qualquer envolvimento emocional sem contato físico é definido como “infidelidade branca”, pois presumivelmente não é uma traição oficial.

Ao falar sobre o adultério, porém, Jesus deixou claro que o mesmo pode ser um ato mental e emocional e não apenas físico, pois segundo ele “qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5.28). A experiência também confirma, através de fatos explícitos e feridas profundas, que a traição emocional e mental é pré-requisito para a conjunção carnal.¹¹ Além do mais, não se pode esquecer que a pessoa é intimamente tentada por sua própria cobiça, “quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado” (Tg 1.14-15). Nos últimos anos, a cobiça interna do ser humano parece estar sendo especialmente alimentada pelas ofertas de sexo virtual através da internet. Em alguns casos, a infidelidade virtual acaba resultando em vício.¹² O anonimato e a privacidade proporcionados pela internet podem se revelar ferramentas propícias para a quebra de várias barreiras e, eventualmente, para a consumação da traição virtual. Dessa forma, adultério não é algo apenas físico, mas encontra-se enraizado nas fantasias do coração e da mente.

¹⁰ MILIHAM, Beatriz Ávila, *apud* PINHEIRO, Trair e teclar é só começar, p. 80.

¹¹ Segundo a revista americana *Psychology Today*, cerca de 60% dos casos de relacionamento contínuo e profundo com pessoas de sexo oposto pela internet termina na cama. Cf. PINHEIRO, Trair e teclar é só começar, p. 80. Cf. PARTAIN, Melissa. Sexo e espaço cibernético. *Coletâneas de aconselhamento bíblico*, vol. 4. Tradução de artigos do *The Journal of Biblical Counseling*. Atibaia, SP: Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2005, p. 105-119. Cf. BUDZISZEWSKI, J. Virtual unfaithfulness: Pornography use in a marriage. www.troubledwith.com <acesso 15.03.2006>.

¹² CARNES, Patrick J. Pornography and the internet in today's world. *Enrichment Journal*. <http://enrichmentjournal.ag.org>. <acesso 23.02.2006>.

Outro mito social sobre o adultério é de que ele diz respeito a uma atração meramente sexual. Porém, o oposto parece corresponder mais à realidade. Geralmente, quando um caso é descoberto, uma das primeiras perguntas feitas pela parte ofendida é: “O que você viu nele(a)?” O terapeuta familiar Frank Pittman concluiu que muitos dos seus pacientes que cometeram adultério vinham de casamentos onde tinham uma boa relação sexual, mas cujos relacionamentos conjugais possuíam pouca, ou quase nenhuma, intimidade. Com isso ele afirma que “o adultério pode ser mais motivado por uma busca de companheirismo do que por uma procura de um orgasmo melhor”.¹³

Ainda há que se fazer uma distinção entre o fator sexual e o sensual. Sexualidade diz respeito a necessidades básicas do ser humano, criadas e abençoadas por Deus. Sensualidade, porém, tem a ver com os instrumentos usados para despertar essas necessidades sexuais básicas e genuínas, mas nem sempre atendendo os padrões permitidos e ordenados por Deus. O exercício da sensualidade pode ser altamente positivo e até necessário dentro do casamento (ver o livro de Cantares de Salomão). Uma ilustração clássica neste sentido vem da obra *As Cartas do Coisa-Ruim*, na qual C. S. Lewis usa a pena do Coisa-Ruim para explicar o uso que o tentador deve fazer da palavra “prazer” e de tudo que diz respeito a ela. Segundo ele:

Ao lidarmos com qualquer prazer em sua forma saudável, natural e satisfatória, sempre estamos, em certo sentido, no campo do Inimigo. Bem sei que ganhamos muitas almas pelo prazer. Mesmo assim, é invenção dEle, não nossa. Foi ele quem o fez, e todas as nossas pesquisas, até o dia de hoje, não conseguiram produzir nenhum. Só o que nos resta é encorajar os humanos a aceitarem os prazeres que o Inimigo produziu, em tempos, modos e graus por ele proibidos.¹⁴

Portanto, a atração adúltera pode não ser meramente sexual, mas algo motivado pelo desejo de intimidade ou mesmo pela sensualidade distorcida.

O terceiro mito sobre o adultério alega que ele é apenas fruto de uma deformidade de caráter. Geralmente a sociedade julga alcoólatras e mulhereiros como pessoas com um caráter fraco. Há algumas tentativas para reverter o conceito do mulhereiro como “cabra-macho”, redefinindo-o como alguém que possui apenas “uma fraqueza diante do sexo”. Alguns estudos têm sido feitos estabelecendo conexões entre os adúlteros e sua formação familiar. Ainda que tal explicação encontre até respaldo bíblico no que diz respeito à influência dos pais sobre os filhos, reduzir os casos de adultério meramente a questões de caráter pode ser mais problemático do que benéfico.

¹³ PITTMAN, Frank. *Private lies: infidelity and the betrayal of intimacy*. Nova York: Norton, 1989, p. 122.

¹⁴ LEWIS, C. S. *As cartas do Coisa-Ruim: Como um diabo velho instrui um diabo jovem sobre a arte da tentação*. São Paulo: Edições Loyola, 1982, p. 44.

Sob a pressuposição de que os deslizes morais residem unicamente no caráter do transgressor, algumas igrejas desenvolveram uma doutrina de santificação e vigilância pessoal que beira ao farisaísmo. Não se pode esquecer que um dos pecados do “homem segundo o coração de Deus” foi justamente o adultério (ver 2 Samuel 11). À semelhança dos gálatas, muitos cristãos ainda almejam uma perfeição moral cuja força reside no poder da carne e das normas pré-estabelecidas (Gl 3.3). Além do mais, Paulo escreveu aos colossenses dizendo que algumas dessas coisas que “têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético... não têm valor algum contra a sensualidade” (Cl 2.23). Portanto, isso não depende apenas do caráter do indivíduo, mas da graça de Deus em sustentá-lo contra a queda. Talvez esta tenha sido uma das razões pelas quais o apóstolo escreveu: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12). A assistência do Espírito nessa área também é um *sine qua non* para qualquer pessoa.

Mais recentemente a sociedade tem alimentado outra terrível falácia sobre o adultério, especialmente através dos programas sensacionalistas e das revistas populares, ou seja, o mito de que o adultério é uma atividade terapêutica. Algumas literaturas de auto-ajuda, de ficção ou mesmo os blogs transformados em livros e certas revistas femininas, promovem a teoria de que um caso extraconjugal tem efeitos positivos sobre um relacionamento que estava perdendo a vitalidade e o romantismo. Dependendo da fonte pesquisada, o escritor dirá que o adultério ajuda a superar a “crise de meia-idade” e recuperar a paixão entre os cônjuges. De acordo com essa tese, um caso de adultério trará mais “química” ao casamento que estava fadado ao fracasso e fará com que o mesmo se torne mais “emocionante”.

Não se pode negar que os casos extraconjugais têm o potencial de causar grande estímulo a um relacionamento, especialmente se o casal julga que um processo de divórcio, contatos com advogados, filhos emocionalmente devastados e partilha de bens em um tribunal sejam fatores estimulantes. Há que se lembrar que o adultério pode até resultar em mais atividades sexuais por alguém, mas também pode acabar com o casamento e ainda trazer para dentro deste uma doença sexualmente transmitida. De acordo com Pittman, 65% dos casos de adultério resultam em divórcio.¹⁵ A esse respeito, o sábio bíblico ainda afirma:

O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa. Achará açoites e infâmia, e o seu opróbrio nunca se apagará. Porque o ciúme excita o furor do marido; e não terá compaixão no dia da vingança. Não se contentará com o resgate, nem aceitará presentes, ainda que sejam muitos (Pv 6.32–7.1).

¹⁵ PITTMAN, *Private lies*, p. 37.

Intimamente conectado com o mito anterior, há também a falácia de que o adultério é inofensivo. De acordo como esse argumento, se ele não é benéfico, também não faz mal. Alguns filmes parecem divulgar justamente esta mensagem. Por exemplo, “O Paciente Inglês”, que conta a história do relacionamento de um homem com a esposa de seu amigo, foi o ganhador de doze Oscars e sua influência moral nem foi debatida. Além do mais, eufemismos tais como “pular a janela” e “frequentar outros lençóis” revelam que, para muitos, essa é uma atividade sem maiores conseqüências. Todavia, há que se considerar que, mesmo quando os casos nunca são descobertos, há prejuízos emocionais e espirituais envolvidos. Por exemplo, o adúltero sempre se tornará desonesto para com o seu cônjuge. A falta de transparência é intrínseca à traição. Em outras palavras, a questão não é somente com quem a pessoa se deita, mas para quem ela mente.¹⁶ Além do mais, as Escrituras deixam claro que Deus odeia o repúdio e a infidelidade (Ml 2.16).

Finalmente, o último mito sobre o adultério a ser analisado aqui parece ser um dos mais comuns entre os cristãos e aqueles com padrões morais elevados, ou seja, aquele que insiste que toda relação extraconjugal deve terminar em divórcio. Certamente nada pode destruir um casamento mais rápido do que a infidelidade conjugal. Todavia, ainda que as estatísticas indiquem que a maioria dos casos de adultério resulta em separação, isso não deve ser uma regra intransponível. Jesus deixou claro que as relações sexuais ilícitas (e o adultério dentre elas) possuem o potencial de culminar em divórcio (Mt 19.9). Todavia, o próprio Jesus afirmou que o único pecado para o qual não existe perdão é o da blasfêmia contra o Espírito Santo (Mc 3.29) e, portanto, ainda que seja humanamente difícil, há sempre a possibilidade de haver restauração em um relacionamento manchado pela ferida da infidelidade. Certamente para que essa restauração ocorra é necessário haver o perdão mútuo e contínua dependência da graça de Deus.¹⁷

Uma abordagem bíblica sobre o assunto em questão requer que as falácias sociais sobre o assunto sejam corrigidas. Após isso, pode-se analisar alguns caminhos de prevenção contra esse mal.

2. O COMPROMISSO DO CASAL: ATENTANDO PARA AS NECESSIDADES DO CÔNJUGE

Em uma sociedade erotizada como a contemporânea, onde as expressões eróticas e pornográficas se tornaram mais explícitas e ousadas, a luta contra a tentação do adultério não é uma batalha individual, mas envolve a participação mútua do casal. O terapeuta cristão Dr. Willard Harley, em seu livro *Ela*

¹⁶ Ibid., p. 53.

¹⁷ Cf. WEIL, Bonnie Eaker. *Adultery: the forgivable sin*. Norwalk, Connecticut: Hasting House, 1994, p. 9.

Precisa, Ele Deseja: Construindo um Casamento à Prova de Infidelidades,¹⁸ indica que os casamentos que deixam de atentar para as necessidades básicas dos cônjuges são mais vulneráveis a casos extraconjugais. Em sua análise, a incapacidade do homem ou da mulher em atentar para as necessidades do seu cônjuge deve-se à ignorância dos mesmos quando a essas carências básicas de ambos. Por isso ele arrola algumas dessas necessidades básicas.

Com respeito à mulher, a sua primeira necessidade diz respeito ao afeto. Segundo o Dr. Harley, para muitas mulheres o afeto simboliza segurança, proteção e o conforto de ser aprovada pelo seu esposo. Dessa forma, quando o marido manifesta o seu afeto e carinho para com a esposa ele está dizendo a ela que a protegerá, cuidará dela e que se importa com as suas dificuldades. Nesse sentido, os homens precisam compreender o quanto essas afirmações são importantes para a mulher. As “antigas” expressões de cuidado como bilhetinhos, flores, abrir a porta do carro, telefonemas ou jantares a sós, comunicam mais do que mil palavras. Na perspectiva feminina, essas demonstrações de afeto funcionam como um cimento para o relacionamento do casal.

A segunda necessidade da mulher diz respeito ao diálogo. Embora a sociedade contemporânea seja marcada pelo ativismo, especialmente nos grandes centros urbanos, os maridos não devem ignorar o fato de que a mulher carece de altas doses de diálogo com a pessoa amada. Normalmente essa atividade era comum no período do namoro, mas com o passar do tempo e as outras responsabilidades do casamento, tais como a atenção aos filhos e as tensões financeiras, aquilo que era uma praxe corre o risco de tornar-se uma exceção no relacionamento. Além do mais, as piadinhas culturais sobre mulheres que conversam muito não ajudam nem um pouco nesta área. É justamente neste ponto que deve entrar a criatividade do casal, criando oportunidades em que os cônjuges possam redirecionar a atenção um para o outro e conversar sobre assuntos de mútuo interesse. Um jantar fora ou um final de semana a sós pode ser uma boa alternativa a esse respeito. O fato é que o marido que dedica tempo para conversar com a sua esposa sempre terá o caminho ao seu coração aberto para ele.

Em terceiro lugar, o Dr. Harley sugere que a mulher possui a necessidade essencial de honestidade e transparência. Em outras palavras, a esposa precisa confiar no seu marido. Isso proporciona a ela um senso de segurança e aceitação. Se o marido emite à sua esposa mensagens com duplo sentido e ela deixa de confiar em sua honestidade, o fundamento do relacionamento pode ser abalado. Em vez de sentir-se protegida, ela pode sentir-se usada ou

¹⁸ HARLEY JR., Willard F. *Ela precisa, ele deseja: construindo um casamento à prova de infidelidades*. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 2001. Título do original: *His needs, her needs: building an affair-proof marriage*. O propósito dessa obra é comparar e compreender as questões maritais que afetam pastores e leigos na igreja contemporânea. Outro livro relevante sobre o tema é PETERSEN, J. Allan. *O mito da grama mais verde*. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

até mesmo tolerada por ele. O pior é que, ao invés de se aproximar do seu esposo, ela pode distanciar-se emocionalmente dele.

O cristão não precisa rejeitar essa sugestão como sendo “lixo psicológico”, pois a Bíblia parece trazer um exemplo claro a esse respeito. Na história de Abraão e Sara, após o patriarca haver mentido em relação à sua esposa para o Faraó do Egito (Gênesis 12), e após o casal ter vivido anos sem ter filhos, eis que Sara aproximou-se de Abraão e lhe fez uma proposta indecorosa. Ela ofereceu a sua serva “egípcia”, Hagar, a Abraão e disse que teria filhos por meio dela. O problema foi que, depois que o filho nasceu, Sara ficou aborrecida e clamou pelo julgamento de Deus entre ela e Abraão (Gn 16.1-5). O leitor não precisa ser um psicólogo para identificar o coração ferido de uma esposa que se sentia insegura acerca do amor do seu marido.

Finalmente, a esposa tem a necessidade de observar o comprometimento familiar do seu cônjuge. A maioria das mulheres que se casam possui grandes ideais como, por exemplo, gerar filhos e ter lares sólidos. Portanto, a esposa quer ver o seu marido comprometido com os mesmos ideais. O bom amante, neste sentido, não é apenas aquele que desempenha o seu papel na cama, mas aquele que, além disso, procura ser um bom pai e um marido presente. Faz parte da necessidade mais íntima da esposa que o seu marido assuma o papel de líder do lar e mostre-se comprometido com a família, não apenas em termos financeiros, mas também em termos da educação moral, espiritual e intelectual dos filhos.

Assim como muitos maridos não compreendem as necessidades básicas de suas esposas, as carências masculinas podem até parecer infantis para algumas mulheres. Todavia, a esposa prudente tomará ciência e procurará observar a reação do seu marido.

Em geral, a primeira necessidade do marido é a do companheirismo que culmina em uma satisfação sexual mútua do casal (talvez tenha sido por isso que Adão recebeu Eva com tanta alegria, Gn 2.15-23). Ainda que o sexo seja um dom de Deus tanto para o homem quanto para a mulher, não se deve ignorar o fato de que a vida em uma sociedade marcada pelo erotismo, em que os apelos visuais são mais dirigidos ao público masculino, é fácil entender que o marido anseie mais intensamente pela satisfação nessa área. Além do mais, há que se considerar os fatores hormonais masculinos que podem contribuir para o aumento desse interesse. É provável que a esposa não entenda a profunda necessidade sexual do seu marido, assim como ele, na maioria das vezes, não compreende as necessidades afetivas dela. Mas esses dois ingredientes estão intimamente conectados e podem contribuir para um relacionamento conjugal sólido. A relação sexual poderá ocorrer natural e freqüentemente em um contexto em que a relação afetiva seja mutuamente cultivada.

Uma outra necessidade do marido é que sua esposa compartilhe os seus passatempos prediletos. É interessante notar que durante o período do namoro o

casal parece demonstrar grande prazer e alegria em pequenas atividades recreativas, como pescar, acampar, brincar de vídeo-game, assistir esportes e filmes, entre outras coisas. Após o casamento, porém, a noção social compulsiva de que certas coisas pertencem ao universo dos “machos” e as mulheres devem ser excluídas das mesmas, acaba por distanciar o casal. Em outros casos, a esposa parece investir grandes esforços no sentido de que o marido se interesse por aquelas atividades de que ela gosta mais. Se a tentativa não funciona, o plano B parece ser encorajar o marido a continuar as suas atividades recreativas sem a presença dela. O problema é que, de acordo com alguns estudos, a necessidade masculina de compartilhar tempo recreativo com a esposa só perde para a necessidade sexual.¹⁹

Em terceiro lugar, o marido geralmente sente a necessidade de uma esposa atraente. Talvez esta seja uma das necessidades masculinas mais criticadas pelas mulheres. Algumas chegam até a achar isso injusto, pois poucos homens costumam zelar de sua aparência como eles esperam que as suas esposas o façam com a aparência física delas. O problema é que, por mais infantil e “anticristão” que isso possa parecer para alguns, é praticamente impossível para um homem apreciar a sua esposa apenas pelas qualidades interiores dela. O homem é mais atraído pelo que os seus olhos vêem e neste sentido a aparência física da esposa é algo grandemente apreciado pelo marido. Todavia, o marido cristão não tem nenhuma razão para deixar-se dominar nesta área, pois as Escrituras estão repletas de exortações para que ele faça um pacto com os seus olhos e não ande cego pela beleza da mulher estranha (Jó 31.1; Pv 5.20). Além do mais, o princípio cristão da prática do contentamento desaconselha qualquer marido a fazer comparações injustas e inaceitáveis entre a sua esposa e as mulheres ao redor. O fato é que cada marido deve olhar para a sua esposa de uma forma singular, entendendo que ela é um presente de Deus para ele (Pv 19.14).

Por último, o marido tem uma profunda necessidade de sentir-se apoiado por sua esposa, tanto na vida familiar como no campo profissional. O livro de Provérbios contém exortações para que o filho não despreze as instruções de seu pai (Pv 4.1). Semelhante atitude tem a esposa prudente que deseja apoiar o marido na educação que ele dá aos filhos, e isso é um cimento para o relacionamento de ambos. Porém, a história de Isaque e Rebeca descreve um lar dividido, onde cada cônjuge amava mais um dos filhos. O resultado dessa história foi tristeza e angústia para aqueles pais até à velhice de ambos.

Tamanha é a necessidade masculina de apoio da mulher que o marido geralmente fantasia ser recebido em casa com um beijo e um sorriso pela esposa amada. Certamente em uma sociedade em que ambos precisam traba-

¹⁹ ANDERSON, Kerby. Adultery and society. <http://www.probe.org/index2.php>. <acesso 23.02.2006>.

lhar diariamente para o sustento da família, essa fantasia fica imediatamente prejudicada. Porém, a esposa prudente precisa aprender como expressar a sua admiração pelo marido em vez de pressioná-lo para que ele conquiste maiores realizações. A admiração honesta é um grande fator motivacional e, quando isso acontece, o homem geralmente é inspirado a alimentar sonhos maiores.

Refletir sobre essas necessidades mútuas pode, inicialmente, resultar em apreensão maior para um casal que já encontra dificuldades no relacionamento. Contudo, ignorá-las poderá ser mais nocivo ainda. O casal comprometido em desenvolver um casamento no qual Deus seja glorificado e o leito seja sem mácula (Hb 13.4) dará especial atenção a essas informações.

3. ANALISANDO AS CAUSAS E PREVENINDO-SE BÍBLICAMENTE CONTRA O ADULTÉRIO

Em sua abordagem preventiva ao adultério, Ray Stephens relaciona uma série de fatores que leva alguns crentes a transgredirem o sétimo mandamento, e o tradutor do artigo ainda acrescenta uma sugestão pessoal. Dentre esses fatores, o autor chama a atenção para o risco de o cristão absorver os conceitos do mundo ao redor sobre o relacionamento conjugal. Uma vez que a sociedade contemporânea interpreta o casamento como um contrato que pode ser dissolvido se deixa de ser benéfico ou satisfatório para uma das partes, o crente que se deixa moldar por essa cosmovisão não terá dificuldades em considerar o rompimento dos laços matrimoniais diante de dificuldades na área sexual. O resultado disso pode ser uma busca hedonista pela realização sexual fora do casamento, ou seja, relações adúlteras.

Outra razão porque alguns crentes caem em adultério é uma atitude de falsa confiança por acharem que tal coisa *nunca* acontecerá com eles. Um casamento feliz nunca é um passaporte seguro para a imunidade às tentações.²⁰ Em seu livro *O Mito do Casamento Perfeito*, Barbara Russell Chesser lembra que

muitas pessoas esperam que um bom relacionamento sexual seja o alicerce de um bom casamento, mas não é necessariamente assim. Ao contrário, o oposto é mais verdadeiro: um bom relacionamento conjugal é o alicerce de um bom relacionamento sexual.²¹

À luz do que foi dito acima, o casal prudente buscará manter atitude vigilante e realista, em vez de triunfalista.

²⁰ STEPHENS, Ray. Adultério na igreja: uma abordagem preventiva. Trad. Solano Portela. www.monergismo.com <acesso 22.02.2006>.

²¹ CHESSER, Barbara Russell. *O mito do casamento perfeito*. São Paulo: Mundo Cristão, 1990, p. 80.

Os últimos fatores relacionados por Stephens para explicar porque muitos crentes caem em adultério poderiam ser resumidos no excesso de intimidade desenvolvida entre “confidentes espirituais”. Algumas pessoas ingenuamente se envolvem com líderes espirituais, conselheiros ou mesmo irmãos confidentes nos quais encontram satisfação para algumas das necessidades básicas que não estavam sendo atendidas no casamento. Os novos conceitos de discipulado e liderança espiritual nos quais o discípulo acaba sendo manipulado pelo seu mestre também acabam por promover uma dependência e proximidade que pode resultar em uma relação perigosa e tentadora.

Solano Portela, o tradutor do artigo de Stephens, ainda aponta para o caso de pessoas que não são ingênuas e nem se deixaram dominar pela forma de pensar do mundo, mas que simplesmente desprezaram as diretrizes divinas acerca das precauções contra o adultério. Infelizmente, há sempre a possibilidade de crentes ativos e convictos das verdades bíblicas agirem em total desprezo das advertências da Palavra, bem como das suas próprias pregações e escritos. Nesse caso, é possível confundir a longanimidade de Deus com a ausência de repreensão divina e transformar a graça em libertinagem. Por essas e muitas outras razões, alguns filhos e filhas de Deus continuam tropeçando nessa área e causando danos ao testemunho do evangelho. Infelizmente, nessa categoria se enquadram até alguns líderes evangélicos conhecidos que têm caído nesse pecado.²²

Quais seriam, então, os princípios bíblicos a serem observados contra as tentações do adultério? Neste campo, não há receitas simples, mas diretrizes seguras para uma luta constante.

Primeiramente, o escritor bíblico diz aos seus leitores que ele guardava a Palavra de Deus no coração para não pecar contra Deus (Sl 119.11). O mesmo padrão parece ser encontrado no livro de Provérbios, no qual o sábio exorta o leitor a guardar no coração os seus mandamentos e a atá-los ao seu pescoço, escrevendo-os na tábua do seu coração (Pv 3.1-3). Além do mais, esses mandamentos não podem ser apartados dos olhos daquele que não quer deixar-se desviar (Pv 4.20-21). Esse mesmo mandamento é luz e vida para guardar o obediente das lisonjas da mulher alheia (Pv 7.20-25). Uma vez que a tentação ao adultério passa invariavelmente pela mente e o coração humano, é imprescindível que o cristão medite sistematicamente na Palavra de Deus e tenha as suas faculdades purificadas “por meio da lavagem de água pela Palavra” (Ef 5.26). Segundo Provérbios, aquele que sofre as dores da infidelidade é aquele que desprezou a sabedoria e o ensino (Pv 5.12).

Praticamente cada novela, filme, revista ou livro sensacionalista martelará a teoria mundana de que o adultério é benéfico ou, no mínimo, inofensivo. O

²² Solano Portela em STEPHENS, Ray. Adultério na igreja: uma abordagem preventiva. Trad. Solano Portela. www.monergismo.com <acesso 22.02.2006>.

cristão deve aprender a identificar essas mensagens e não se submeter a elas, mas ter o seu discernimento moldado pela Palavra do Senhor.

O segundo princípio a ser exercitado é o da satisfação mútua no casamento. Aliás, esse é o princípio exposto por Paulo em 1Coríntios 7.1-5, onde ele chega a recomendar que o casal não se prive um ao outro, exceto por mútuo consentimento, temporariamente, e com propósito definido. A mesma coisa pode ser vista no livro de Provérbios, onde o escritor exorta: “Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, corça de amores e gazela graciosa” (Pv 5.18-19). Em Eclesiastes, o mesmo Salomão retorna ao tema ao dizer: “Goza a vida com a mulher que amas, todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida pelo trabalho com que te afadigaste debaixo do sol” (Ec 9.9). A insatisfação no casamento conduz a comparações desleais e alimenta fantasias que em si já são pecaminosas.

O terceiro princípio bíblico para evitar o pecado do adultério e suas desastrosas conseqüências é a mortificação dos desejos da carne. Após exortar os romanos a se revestirem de Cristo, Paulo lhes disse que nada dispusessem no tocante às concupiscências da carne (Rm 13.14). Em outras palavras, ele está ensinando um processo de mortificação que consiste em não alimentar o condenado. A carne já está condenada à morte na vida do cristão e uma das melhores maneiras de matá-la é simplesmente deixar de alimentá-la. Todas as vezes que a concupiscência é alimentada a carne se fortalece. Talvez tenha sido por isso que Paulo exortou Timóteo a fugir das paixões da mocidade (1Tm 2.22) e o escritor de Provérbios exortou o seu leitor: “Afasta o teu caminho da mulher adúltera e não te aproximes da porta da sua casa” (Pv 5.8). A fuga nesse caso não é sinal de covardia, mas de prudência.

Outro princípio a ser observado é analisar cada momento proveniente do prazer pecaminoso à luz da eternidade. Certamente o pecado produz prazer e os prazeres mundanos são reais e satisfatórios para esta vida. O problema, porém, é que a vida não termina na existência terrena, mas possui uma continuidade eterna. Dessa forma, cada ato neste universo, cada decisão, deveria levar em consideração a eternidade. Essa parece ter sido a atitude de Moisés que preferiu ser “maltratado junto com o povo de Deus a usufruir os prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito” (Hb 11.25-26). Também essa parece ter sido a atitude do próprio Jesus que “em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz” (Hb 12.2). Dessa forma, cada segundo de prazer neste mundo deveria ser analisado à luz da eternidade. O gozo de minutos não é suficiente para justificar uma vida destruída nem uma eternidade de consciência maculada.

Vale lembrar ainda que, à luz das Escrituras, ofender a majestade e a santidade de Deus implica em uma sensação horrorosa de julgamento. Quando Davi cometeu adultério com Bate-Seba, o profeta Natã se aproximou dele e o confrontou dizendo:

Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Eu te ungi rei sobre Israel e eu te livre das mãos de Saul; dei-te a casa de teu senhor e as mulheres de teu senhor em teus braços e também te dei a casa de Israel e de Judá; e, se isto fora pouco, eu teria acrescentado tais e tais coisas. Por que, pois, desprezaste a palavra do Senhor, fazendo o que era mal perante ele? (2Sm 12.7-9).

Além do mais, as Escrituras declaram que “horrrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10.31). Certamente foi por essa razão que Jesus, ao falar sobre o adultério, disse:

Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno (Mt 5.29-30).

Compreender a seriedade de pecar contra a santidade de Deus deveria motivar os cristãos a fugirem do pecado do adultério.

Finalmente, a prevenção do adultério requer do cristão um senso de responsabilidade para com o povo de Deus e até mesmo um círculo de amigos no qual se possa exercitar uma prestação de contas acerca das tentações pessoais. Em sua terceira carta, João menciona certo Diótrefes, que gostava de exercer a primazia e não reconhecia a autoridade do apóstolo (3Jo 9). O fato é que quando as pessoas se deixam prender pelo amor ao poder e o prestígio, elas geralmente se vêem imunes à prestação de contas e desprezam a autoridade ou mesmo as amizades. Essa atitude de imunidade pode corromper-se a ponto de a pessoa imaginar-se acima da moralidade. Como as Escrituras afirmam que a “soberba precede a ruína” (Pv 16.18), a falta de humildade com relação às fraquezas pode levar à queda moral. Quão diferente do soberbo era o senso de responsabilidade do salmista para com o povo de Deus expresso em sua oração: “Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em ti, ó Senhor, Deus dos Exércitos; nem por minha causa sofram vexame os que te buscam, ó Deus de Israel” (Sl 69.6). Como nenhum deles está imune à queda, os servos de Deus devem utilizar as âncoras estabelecidas pela Palavra de Deus.

CONCLUSÃO

Quando Jimmy Carter, o então candidato à presidência dos Estados Unidos, disse a um repórter que havia adulterado muitas vezes em seu coração, a sua confissão causou um constrangimento nacional.²³ Parte desse constrangimento, além da incompreensão do tema pela imprensa secular e das piadas

²³ STAFFORD, Tim. Levando a sério a impureza sexual em nossos dias. *Coletâneas de aconselhamento bíblico*, vol. 4. Tradução de artigos do *The Journal of Biblical Counseling*. Atibaia, SP: Seminário Bíblico Palavra da Vida, 2005, p. 79.

de mau gosto geradas pela afirmação, talvez se deveu ao fato de que, caso tivessem sido entrevistados, muitos cidadãos americanos teriam dado a mesma resposta. O coração humano é descrito nas Escrituras como “desesperadamente corrupto” (Jr 17.9) e uma fonte de adultérios, prostituições, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias e assassinatos (Mt 15.19). A graça, porém, reside no fato de que o Senhor Jesus é poderoso para transformar o coração humano e fazê-lo submisso a ele.

Uma das maneiras atuais de muitos cristãos lidarem com a tentação da impureza sexual é simplesmente fingir que ela não os atinge, criar mitos a seu respeito e ignorar os princípios bíblicos para fugir do confronto com o pecado da impureza exigido do cristão fiel. Uma das conclusões de Willard F. Harley Jr. em seu livro *Ela Precisa, Ele Deseja: Construindo um Casamento à Prova de Infidelidades* é que pouquíssimas igrejas estabelecem princípios para protegerem os seus pastores da tentação sexual e pouca orientação bíblica sobre esse assunto é ministrada aos membros das mesmas.²⁴ Neste artigo foram abordados alguns desses mitos relacionados ao adultério e apresentados alguns princípios práticos e bíblicos para que essa armadilha desastrosa não arruíne a vida e o testemunho dos cristãos.

ABSTRACT

The practice of adultery in contemporary society is more common than some people would like to admit. The social tolerance of adultery is clearly propagated through the media and “incarnated” as a normal activity in the daily life of many. Thus, monogamy is no longer interpreted as a virtue, but as a behavior out of date. Moreover, the “legal sensuality” of Brazilian culture influences not only unbelievers, but many members of the Christian church. Although Christians are aware of the terrible consequences of adultery, little effort is made in order to avoid it and many “play at courtship with the enemy”. In this article, the author discusses three topics related to adultery: its social myths, the necessary attention Christian couples should pay to the basic needs of husbands and wives, and some biblical principles especially given in order to avoid the sin of marital infidelity. The basic presupposition of this article is that God, the one who established the pattern of monogamy for marital relationships, has revealed in his Word a sufficient number of principles and directions that allow Christians to maintain fidelity even in the context of an adulterous society.

KEYWORDS

Adultery; Immorality; Temptation; Marital relationship; Fidelity; Sanctity of marriage.

²⁴ HARLEY JR., *Ela precisa, ele deseja*.